

O papel da identidade cultural e da representação social na construção da subjetividade na sociedade pós-moderna

The role of cultural identity and social representation in the construction of subjectivity in a post-modern society

Fátima Niemeyer da Rocha, Adriana Vasconcelos da Silva Bernardino.

Resumo

O texto discute a identidade cultural e a representação social como alicerces da construção da subjetividade no mundo pós-moderno globalizado e culturalmente mundializado. Busca compreender de que forma as diferentes identidades culturais e suas representações revelam como a subjetividade está sujeita a influência do ambiente social/cultural. A identidade cultural é entendida como a representação da soma de significados que dão sentido e estruturam a ação do indivíduo ou população. Como produto/produção de sínteses dialéticas entre sujeito e cultura decorre uma manifestação cuja expressão denominamos representação sociocultural. A argumentação enfoca a construção da identidade do indivíduo numa estrutura social/cultural, destacando-se a identidade no que tange a representações de imagens e conceitos sociais que o projetam culturalmente, pelo que promovem a construção social da subjetividade.

Palavras-Chave: Identidade Cultural. Representação Social. Subjetividade. Pós-modernidade.

Como citar esse artigo. Rocha FN, Bernardino AVS. O papel da identidade cultural e da representação social na construção da subjetividade na sociedade pós-moderna. Revista Mosaico. 2013 Jan./Jun.; 04 (1): 35-39.

Abstract

The paper discusses the cultural identity and social representation as foundations of construction of subjectivity in the globalized and postmodern world culturally globalized. Tries to understand how the different cultural identities and their representations reveal how subjectivity is subject to influence of the social/cultural environment. Cultural identity is understood as representing the sum of meanings that give meaning and structure to the action of an individual or population. As a product/production of dialectical synthesis between subject and culture is a manifestation whose expression we call cultural representation. The argument focuses on the construction of the identity of the individual in a social/cultural structure, especially the identity with respect to representations of images and social concepts that the design culturally, by promoting the social construction of subjectivity.

Keywords: Social Representation. Cultural Identity. Subjectivity. Postmodernism.

No mundo pós-moderno as mudanças estruturais e institucionais relacionadas à ‘globalização’ têm provocado um colapso nas identidades que compunham o mundo social e mantinham uma conformidade subjetiva com as ‘necessidades’ objetivas da cultura (Hall, 2003). A globalização, entendida como um conjunto de processos e forças de mudança, desde o fim do século XX tem deslocado as identidades culturais nacionais e provocado uma pulverização das identidades culturais de classe, gênero, etnia, raça, padrões culturais, nacionalidade e visões de mundo. O efeito geral da globalização tem sido o enfraquecimento das formas nacionais de identidade cultural, em função de um “afrouxamento de fortes identificações com a cultura nacional, e um reforçamento de outros laços e lealdades culturais, ‘acima’ e ‘abaixo’ do nível do estado-nação” (Hall, 2003, p.73); em consequência, têm sido fortalecidas as identidades locais, regionais e

comunitárias.

Hall (2003) salienta que na transformação das identidades verifica-se, ao longo da modernidade, uma tensão entre o ‘global’ e o ‘local’, isto é, entre as identificações mais universalistas (focalizadas pela expansão do mercado mundial e pela modernidade como um sistema) e as identificações particularistas (focalizadas pelo crescimento dos estados-nação, das economias nacionais e das culturas nacionais). No processo formador de identidade, a nação pode ser entendida como uma comunidade simbólica em um sistema de representação cultural; e a cultura nacional, como fonte de significados culturais, foco de identificação e sistema de representação. Dessa forma, uma das principais fontes de identidade cultural tem sido a cultura nacional. A nação, além de ser uma entidade política, produz um sistema de representação cultural, donde as identidades nacionais são formadas e

transformadas no interior da representação e os cidadãos compartilham a ideia da nação representada em sua cultura nacional.

A cultura nacional procura englobar os seus membros numa identidade cultural unificada, para representá-los como pertencendo à mesma família nacional, não importando suas diferenças de classe, gênero ou raça. Mas a identidade nacional não anula nem subordina as diferenças culturais – a maioria das nações é a resultante de diferentes classes sociais e diferentes grupos étnicos e de gênero. Composta de instituições culturais, símbolos e representações, a cultura nacional também é um discurso, um modo de construir sentidos que influenciam e organizam as ações e a concepção que o indivíduo tem de si mesmo (Miranda, 2003).

Constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade, as culturas nacionais dominaram a ‘modernidade’, sobrepondo as identidades nacionais a outras fontes, mais particularistas, de identificação cultural (Hall, 2003). Assim, a cultura nacional constrói as identidades de seus cidadãos quando produz sentidos sobre “a nação” com os quais eles podem se identificar. Anderson (*apud* Hall, 2003) considera a identidade nacional como uma “comunidade imaginada”. O centro identitário unificador é ilusório e se o sujeito se sente como real é porque constrói para si mesmo uma cômoda ‘narrativa de eu’ (Hall, 2003).

A identidade cultural, por sua vez, também não é um padrão sólido que daria ao sujeito um sentido único de pertencimento – à cultura, à nação – mas um conjunto de configurações móveis, que pode ser conceituada como transterritorial e multilinguística. “A identidade passa a ser concebida como um foco de um repertório fragmentado de minipapéis, mais do que como o núcleo de uma hipotética interioridade” (Identidade cultural: desenvolvimento e durabilidade, 2003).

No entanto, o processo de globalização tem enfraquecido o espaço do Estado-Nação como *locus* privilegiado da construção das identidades. E, ao conceber as nações como híbridos culturais, a sociedade contemporânea globalizada possibilita uma nova configuração para as identidades culturais, com o vínculo mais forte constituído em âmbito local. (Identidade cultural: desenvolvimento e durabilidade, 2003). Assim, embora a globalização seja um processo desigual que, em certa medida, pode ser considerado a ocidentalização dos valores culturais, ao mesmo tempo vem fortalecendo a proliferação de identidades locais. O processo de globalização instrumentalizado pela troca acelerada da informação por meio dos novos *mídia*, que abolem as distâncias e o tempo, não tem provocado a homogeneização completa das culturas e das identidades. Pelo contrário, não apenas antigas querelas identitárias se mantêm vivas, como se multiplicam diferentes bolsões de identidades locais, de inspiração religiosa,

étnica ou comportamental, reanimadas e fomentadas como maneira de resistir à introdução de novos modos identitários uniformizantes (Miranda, 2003).

Na sociedade pós-moderna, a cultura global caracteriza-se pela diversidade, intensificando-se os fluxos de informação e de pessoas, que colocam todos em contato com todos e com diferentes maneiras de viver, pensar e sentir a vida. Na globalização, cada espaço transforma-se numa rede de relações sociais altamente complexa, num entrelaçar cada vez mais intenso de diferentes culturas. Com isso, ocorrem os choques de valores, opiniões, perspectivas e pautas de ação dos indivíduos ou da coletividade.

Seguindo Ortiz (2000), podemos diferenciar os processos de globalização e mundialização: ‘global’ se refere a processos econômicos e tecnológicos e ‘mundial’ se refere a processos culturais. Influenciados por ambos os processos, os homens encontram-se interligados, independentemente de suas vontades, como cidadãos do mundo. E a mundialização da cultura se revela através da penetração do mundo em seu cotidiano, modificando seus hábitos, comportamentos e valores. No entanto, cada espaço da sociedade global, mundializada, é marcado ao mesmo tempo por valores particulares e por uma mentalidade coletiva. Mas “uma cultura mundializada não implica o aniquilamento das outras manifestações culturais, ela cohabita e se alimenta delas.” (Ortiz, 2000, p.27). Assim, o mundialismo não se identifica à uniformidade.

Ortiz compreende a mundialização:

como processo e totalidade. Processo que se reproduz e se desfaz incessantemente (como toda sociedade) no contexto das disputas e das aspirações divididas pelos atores sociais. Mas que reveste [...] de uma dimensão abrangente, englobando outras formas de organização social: comunidades, etnias e nações. A totalidade penetra as partes no seu âmago, redefinindo-as nas suas especificidades. O processo de mundialização é um fenômeno social total que permeia o conjunto das manifestações culturais. Para existir, ele deve se localizar, enraizar-se nas práticas cotidianas dos homens, sem o que seria uma expressão abstrata das relações sociais. Com a emergência de uma sociedade globalizada, a totalidade cultural remodela, portanto, [...] a ‘situação’ na qual se encontravam as múltiplas particularidades. (Ortiz, 2000, p.30-31).

Como toda sociedade se organiza em torno de um padrão determinado, formado por modelos - as normas estruturantes das relações sociais – o comportamento individual se vincula sempre a esse ‘fundo’ partilhado por todos. “Uma sociedade é um conjunto de subgrupos cujos modos particulares se distinguem no interior de um modelo comum.” (Ortiz, 2000, p.32). E o comportamento individual é dirigido “por padrões culturais – sistemas organizados de símbolos significantes.” (Geertz, 1978, p.58) A cultura, a totalidade acumulada de tais padrões,

é uma condição essencial para a existência humana – a principal base de sua especificidade - e pode ser vista como um conjunto de mecanismos de controle – planos, receitas, regras, instruções – para governar o comportamento:

Quando vista como um conjunto de mecanismos simbólicos para o controle do comportamento, fontes de informação extra-somáticas, a cultura fornece o vínculo entre o que os homens são intrinsecamente capazes de se tornar e o que eles realmente se tornam, um por um. Tornar-se humano é tornar-se individual, e nós nos tornamos individuais sob a direção dos padrões culturais, sistemas de significados criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem, objetivo e direção às nossas vidas. (Geertz, 1978, p.64).

Assim, a sociedade se organiza em torno de uma cultura que determina uma maneira de ver o mundo, por meio de um conjunto de ideias implícitas e explícitas. Entendida como a soma de significados que estruturam a vida de um indivíduo ou de um povo a identidade cultural é uma categoria que modula a distinção nós/ eles e que está assentada na diferença cultural. A identidade cultural é múltipla e é o princípio dinâmico que surge do ‘pertencimento’ a uma determinada cultura, permitindo que o grupo se configure como coletividade. A identidade cultural é tida como uma componente da identidade social, caracterizada pelo conjunto de pertencimentos do sistema social – pertencimentos nas classes sexual, etária, social, numa nação etc. Na identidade social se encontram as relações do sujeito com o meio social (Miranda, 2003). E, sendo o pensamento humano tanto social como público (Geertz, 1978), “as identidades não são fundamentalmente propriedades privadas dos indivíduos, mas construções sociais, suprimidas e promovidas de acordo com os interesses políticos da ordem social dominante.” (Kitzinger *apud* Lopes, 2003, p.13).

No entender de Hall (2003), o declínio das identidades que estabilizavam o mundo social, ocorrido na pós-modernidade, provocou o surgimento de novas identidades, fragmentando o indivíduo antes visto como um sujeito unificado. O mundo pós-moderno rompeu com as concepções essencialistas ou fixas de identidade que desde o Iluminismo definiram a essência do ser e fundamentaram a existência dos sujeitos humanos. A perspectiva iluminista do homem era a de que ele constituía uma só peça com a natureza e partilhava da uniformidade geral de composição (Geertz, 1978).

A ‘crise de identidade’ configurada, segundo Hall (2003), na pós-modernidade é parte de um processo amplo de mudança que está deslocando as estruturas e os processos centrais das sociedades modernas e vem abalando os quadros de referência que proporcionavam ao indivíduo uma certa estabilidade no mundo social. O território que no passado forneceu ao sujeito sólidos referenciais para sua definição e localização enquanto

indivíduo social – categorias como classe social, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade – fragmentou-se no final do século XX, descentrando-o de seu eixo identitário, levando-o à perda do um sentido estável de si mesmo, impedindo-o de se perceber com uma imagem integrada e global, como sujeito integrado - as identidades pessoais mudaram, abalando a idéia que cada um tinha de si mesmo.

Tal crise de identidade tem ocorrido tanto pelo deslocamento do indivíduo de seu lugar no mundo social e cultural quanto pelo deslocamento de si mesmo. A identidade foi descentrada e deu lugar às identidades abertas, contraditórias, inacabadas e fragmentadas do sujeito pós-moderno, que se estruturam na relação com os outros e figuram como mediadores da cultura. A identidade, assim, passou a ser compreendida como um alinhamento entre os sentimentos subjetivos e os lugares objetivos que o sujeito ocupa na cultura, o que permite tomar o ‘eu coletivo’ como foco. É a identidade cultural que permitirá ao grupo dizer o que quer se transformar, afirmando de forma clara sua condição de ator social. (Hall, 2003)

Assim, a identidade do sujeito pós-moderno, observa Hall (2003), é definida historicamente, é móvel e está continuamente sendo transformada dentro dos sistemas culturais que ele habita. As mudanças no mundo do sujeito pós-moderno – um ambiente provisório e variável – obrigam-no a assumir identidades diferentes em diferentes momentos. E essas identidades, afetadas pelos processos de socialização e de globalização dos meios de comunicação e informação, não são concebidas nem como unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente nem como fixas, essenciais ou permanentes. Além disso, a sociedade em que o indivíduo vive não é um todo unificado e monolítico, uma totalidade, que flui e evolui a partir de si mesma; ela está, por sua vez, sendo também constantemente descentrada e deslocada por forças externas. E o sujeito pós-moderno está afeito a formações e transformações contínuas em relação às formas em que os sistemas culturais o condicionam.

Fridman (*apud* Lopes, 2003, p.15) argumenta que “se a modernidade alterou a face do mundo com suas conquistas materiais, tecnológicas, científicas e culturais, algo de abrangência semelhante ocorreu nas últimas décadas, fazendo surgir novos estilos, costumes de vida e formas de organização social.” E atualmente podemos observar, “as mudanças culturais, sociais, econômicas, políticas e tecnológicas que estão atravessando o mundo e que são experienciadas, em maior ou menor escala, em comunidades locais específicas” (Lopes, 2003 p.15). Nas práticas cotidianas que vivemos há um questionamento constante de modos de viver a vida social que têm afetado a compreensão de quem somos. Além disso, a possibilidade de vermos a multiplicidade da vida humana em um mundo globalizado, que as telas do computador e de outros meios de comunicação

possibilitam, tem colaborado em tal questionamento ao vermos de perto como vivemos em um mundo multicultural e essa multiculturalidade está em nossa própria vida local, atravessando os limites nacionais (Lopes, 2003). Dessa maneira, a influência constante de todo esse espectro de mudanças engendra novas formas de compreensão de si mesmo e abre para o sujeito pós-moderno uma gama de possibilidades identitárias.

Na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, o sujeito é confrontado com uma multiplicidade de identidades possíveis, com cada uma das quais pode se identificar – ao menos temporariamente. Por vezes, dentro do indivíduo coexistem identidades contraditórias, que o precipitam em diferentes direções, pois suas identificações estão sendo continuamente deslocadas. O sentimento de ter uma identidade unificada, do nascimento à morte, se dá pela construção de uma estória sobre si mesmo ou uma ‘narrativa do eu’. E como construções discursivas os conceitos de identidade só se legitimam quando os contextos culturais assim o permitem (Hall, 2003).

Para Woodward (*apud* Lopes, 2003, p.17) o conceito de identidade é “um construto central na compreensão das mudanças sociais, políticas, tecnológicas, culturais e econômicas”. Aquilo que a pessoa é se define nos e pelos discursos que a envolvem ou nos quais ela circula e a constroem. A identidade é um construto de natureza social, construída em práticas discursivas, através dos processos sociais que ocorrem entre as pessoas, nos discursos em que estão situadas. E esses discursos são, por sua vez, situados na história, na cultura e na instituição e constroem as pessoas e suas identidades sociais de modos diferentes (Lopes, 2003). Cada indivíduo é membro de muitos discursos e cada discurso representa uma de suas múltiplas identidades (Gee *apud* Lopes, 2003).

Nesse contexto, o discurso é representação, como considera Leme (1995), produto de determinações tanto históricas como do aqui-e-agora, e tem função de orientação. O discurso é a representação de idéias e significados de modo hierarquizado e reproduzido pelas diferentes classes sociais. O confronto dialético entre o indivíduo como membro de um grupo e sua subjetividade é uma ferramenta do seu conhecimento sócio-comportamental. As escolhas de sua subjetividade estão limitadas à determinada manifestação cultural e o sujeito é aquilo que o seu discurso interno lhe permite ser, ou pensar ser.

Enquanto conhecimento social que situa o indivíduo no mundo, as representações definem sua identidade social, no sentido de que sua subjetividade orienta seu agir no mundo, levando-o a se sujeitar ao seu próprio pensar, cujos limites se traçam nas condições socioculturais. De acordo com Leme (1995), as representações são valorativas e respondem a ordens morais locais, com uma conotação afetiva; são

conhecimentos práticos e estão orientadas para o mundo social, fazendo e dando sentido às práticas sociais.

De acordo com a teoria das representações sociais de Serge Moscovici (*apud* Leme, 1995), as representações formam um grupo de conceitos, explicações e afirmações que têm origem no cotidiano das comunicações interpessoais; são “teorias” internalizadas que servem para organizar a realidade. A representação é a sinalização das concepções do sujeito sobre o mundo que o cerca, donde pode-se detectar, através de sua expressão, seus valores, ideologia e contradições; caracteriza-se como um comportamento observável e registrável, a um só tempo individual e social (Lane, 1995).

No dia a dia das relações interpessoais, os assuntos que chamam a atenção, o interesse e a curiosidade dos indivíduos, solicitando sua compreensão, são veiculados através do discurso que articula diferentes interesses em uma estrutura global de instituições, cujos sistemas oferecem programas de informações e julgamentos de valor. Tais informações são recolhidas nas várias experiências pessoais e grupais. Esses conjuntos de conceitos, afirmações e explicações são as representações sociais, veiculadas pelo discurso interno e externo aos sujeitos e pelas quais suas subjetividades interpretam e constroem a realidade (Sá, 1995).

A mobilização das representações sociais acontece em todas as ocasiões e lugares onde os sujeitos se encontram informalmente e se comunicam. O fenômeno abordado nas representações sociais é da ordem dos diferentes tipos de teorias populares, do senso comum e dos saberes cotidianos (Wagner, 2000). Isto nos auxilia na análise das identidades múltiplas atuais, pois os indivíduos são pensadores ativos que, a partir de inúmeros episódios cotidianos de interação social, como demonstra Moscovici (*apud* Sá, p.28) “produzem e comunicam incessantemente suas próprias representações e soluções específicas para as questões que se colocam a si mesmos”. Assim, a elaboração de uma representação social implica, necessariamente, o intercâmbio entre as intersubjetividades e o coletivo (Lane, 1995).

Segundo Moscovici (*apud* Sá, 1995), as representações sociais são produzidas no âmbito do universo de pensamento consensual. O conceito de pensamento consensual corresponde, para aquele autor, às atividades intelectuais da interação social cotidiana, onde são confirmadas crenças e interpretações adquiridas. A dinâmica dos relacionamentos é de familiarização, onde objetos, indivíduos e eventos são percebidos e compreendidos em relação a paradigmas prévios (Sá, 1995). “Os processos que engendram as representações sociais estão embebidos na comunicação e nas práticas sociais: diálogo, discurso, rituais, padrões de trabalho e produção, arte, em suma, cultura” (Jovchelovitch, 2000, p.79).

A representação social é um dado empírico que mantém vínculos tanto com as condições sociais como com as condições individuais de existência, permitindo o conhecimento dos psiquismos singulares, constituídos em suas multideterminações. O sujeito é concebido como um todo e ao elaborar e comunicar suas representações recorre a significados socialmente construídos, mas com sentidos pessoais decorrentes de suas experiências cognitivas e afetivas (Lane, 1995).

Para concluir, ao refletir a respeito da sociedade atual, globalizada e mundializada, não podemos perder de vista o fato da subjetividade do sujeito pós-moderno se construir alicerçada nas identificações culturais e nas representações socialmente forjadas, se quisermos compreender, do ponto de vista psicológico, os mecanismos que engendram sua ação no mundo. Os processos de globalização e mundialização transformaram a sociedade num espaço que propicia contatos entre diferentes tipos de expressão cultural e ampliam as possibilidades de indivíduos congregarem e compartilharem representações e identificações mais intensamente. E este espaço está marcado tanto por valores particulares quanto por uma mentalidade coletiva.

Por um lado, as distâncias e o tempo foram abolidos, a troca de informações está facilitada e o fluxo de circulação de pessoas se intensificou geograficamente, tendo se formado uma nova e complexa rede de relações sociais e de oportunidades de contato com as mais diversas culturas. Os indivíduos têm sido influenciados intensa e permanentemente por diferentes maneiras de viver, de pensar e de sentir o mundo. E seus valores, crenças, opiniões, perspectivas, hábitos e comportamentos são alterados pela invasão, em sua vida cotidiana, de informações e indivíduos oriundos de outras culturas.

Por outro lado, se as identidades culturais nacionais foram enfraquecidas e a crise de identidade abalou as referências do sujeito no mundo atual e o deslocou de seu eixo identitário, os vínculos culturais locais, regionais e comunitários se reforçaram. Estes deram ao sujeito pós-moderno a possibilidade de estar constantemente construindo e reconstruindo identidades abertas, inacabadas, móveis e historicamente definidas na relação com os grupos imediatos com os quais convive cotidianamente, nas comunidades locais específicas.

Os vínculos culturais locais que configuram os padrões culturais são estruturados, por sua vez, em torno das representações sociais compartilhadas no discurso legitimado no contexto cultural de sua coletividade, nas atividades intelectuais da interação social cotidiana, na comunicação e nas práticas sociais, embora mantendo sentidos pessoais em decorrência de suas experiências cognitivas e afetivas. E é nessa atividade socialmente comprometida que toma forma a sua subjetividade.

Inserido numa comunidade que antecede sua

própria existência, o sujeito pós-moderno aceita seu caminho social ao mesmo tempo em que se enraíza em seu passado a fim de garantir sua singularidade identitária, dotada de histórias e de um percurso que dão sentido a sua própria vida. Mergulhado nos horizontes de natureza pública, nos contextos constituídos pela linguagem do discurso, sua experiência na cultura se faz através do compartilhar das interpretações históricas e culturais e dos significados mediadores de sua consciência e vivência subjetivas, em permanente construção.

Referências

- Identidade Cultural: desenvolvimento e durabilidade.** (2003) Disponível em: http://www.eicos.psychology.ufrj.br/portugues/identidade_cultural/identidadecultural.htm. Acesso em 17 mai 2003.
- Hall, S. (2003) **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- Geertz, C. (1978) **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar.
- Jovchelovitch, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: Guareschi, P.; Jovchelovitch, S. (Orgs.) (2000) **Textos em Representações Sociais**. 6.ed. Petrópolis: Vozes.
- Lane, S. T. M. (1995) Uso e abusos do conceito de representação social. In Spink, M. J. P. (Org.) **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense.
- Leme, M. A. V. S. (1995) O impacto da teoria das representações sociais. In Spink, M. J. P. (Org.) **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense.
- Lopes, L. P. M. (Org.) (2003) **Discursos de identidades**. Campinas: Mercado das Letras.
- Miranda, A. L. C. (2000) **Conteúdos e identidade cultural**. Ciência da Informação, Brasília, v. 29, n. 2, p. 78-88, maio/ago.
- Ortiz, R. (2000) **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense.
- Sá, C. P (1995) Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In Spink, M. J. P. (Org.) **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense.
- Spink, M. J. P. (Org.) (1995) **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense.
- Strey, M. N. et al. (2001) **Psicologia social contemporânea: Livro Texto**. 5.ed. Petrópolis: Vozes.
- Wagner, W. Descrição, explicação e método na pesquisa das representações sociais. In: Guareschi, P.; Jovchelovitch, S. (Orgs.) (2000) **Textos em Representações Sociais**. 6.ed. Petrópolis: Vozes.